

LEAL, Antônio. *Fala maria favela. Uma experiência criativa de alfabetização*. Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora. 1984.

Se você de alguma forma se sente atraído pelo tema ALFABETIZAÇÃO não pode deixar de ler esta obra onde o autor descreve o trabalho desenvolvido numa turma de 26 crianças com idade entre nove e onze anos, considerados "alunos especiais" uma vez que já estavam na escola há mais de três anos e não sabiam ler e escrever.

Sem pretender servir de modelo, o autor relata de maneira clara seu trabalho, suas dificuldades, suas dúvidas diante de uma realidade, buscando através de experiências novas com seus alunos vencer os obstáculos impostos a estes, isto é, transformar na medida das possibilidades esta realidade escolar tão hostil à criança da favela.

A experiência foi realizada numa escola da rede oficial, a Escola Paula Brito, localizada na favela da Rocinha no Rio de Janeiro, no ano de 1981.

Discordando das denominações dadas a estas crianças de "deficientes", "carentes", "marginais", "excepcionais" ou "especiais", "rótulos estes dados pelo Sistema dominante a fim de justificar

suas leis injustas". Antônio Leal propôs-se a assumir a regência desta classe, não porque tivesse experiência como alfabetizador, mas por acreditar que "qualquer homem tem mecanismos que lhe possibilitam dominar as linguagens" e que "as linguagens estão nas emoções dos homens".

Fugindo dos métodos tradicionais de alfabetização buscou, através de um trabalho criativo, despertar nestas crianças cansadas e desanimadas dos trabalhos escolares, um novo modo de ensinar e de aprender.

Considerando a brincadeira a principal manifestação da criança, particularmente da criança da favela cujas condições de vida não oportunizam este tipo de atividade devido a causas como falta de espaço de um barraco, relação familiar autoritária, problemas vivenciais, trabalho, etc., o autor cria um método de alfabetização calcado em atividades lúdicas.

Assim através de brincadeiras e jogos, traços e sons inicia seu trabalho onde as crianças vão avançando nos esquemas do processo de alfabetização sem traumas e

sofrimentos. Certo de que a “escola é a primeira instituição a marginalizar a criança favelada através de seus métodos e seus conteúdos programáticos”, parte para o uso de palavras carregadas de significado, isto é, palavras alfabetizadoras. Sem conhecer nenhuma técnica específica ou método de alfabetização, aceita o grande desafio de ensinar alunos que se diz incapazes de aprenderem.

Outro aspecto de grande relevância na experiência foi o envolvimento afetivo entre alunos e professor que passaram a conhecer-se melhor através de visitas dos alunos à casa do professor e deste à casa

dos alunos, uma vez que o autor crê que não se pode trabalhar sem relações afetivas, sem emoções, sem prazer.

Ao concluir o ano a turma havia conseguido grandes vitórias, entre elas destacam-se: a afeição mútua entre seus componentes, a organização da própria cartilha, alfabetização de onze crianças e a certeza de que o caminho para a alfabetização de crianças marginalizadas não está pronto, acabado. Está por ser feito e depende de educadores que, como Antônio Leal, tenham a coragem de iniciar um trabalho sem receitas prévias, pois não há receitas para quem deseja criar.

Terezinha Bianchini Derner